

A Ciência da Informação abre-se ao Imaginário, aos “Arquétipos”, ao Inconsciente...

Armando Malheiro da Silva
FLUP e CIC Digital Porto

SUMÁRIO

- De que Ciência da Informação falamos?
- Definir Informação e construir o Objeto da CI
- As três áreas nucleares da CI
- Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

De que Ciência da Informação falamos?

- Falta consenso epistemológico sobre o que é a Ciência da Informação e não chega sequer a haver consenso sobre o uso desta expressão!...
- Uma rápida revisão da literatura publicada na área até agora, permite-nos identificar duas perspectivas ou tendências bem vincadas:
- A perspectiva cumulativa e fragmentada;
- A perspectiva evolutiva

De que Ciência da Informação falamos?

- Na perspectiva cumulativa ou fragmentada os muitos Autores que a sustentam reconhecem haver afinidade temática entre diversas disciplinas, aceitando, porém, que elas são distintas e autônomas entre si:
- Arquivística/Arquivologia;
- Bibliologia;
- Bibliografia;
- Biblioteconomia;

De que Ciência da Informação falamos?

- Documentação/Ciências Documentais;
- Museologia;
- Museografia;
- “Informação Documental”; e
- “Information Science”/Ciência da Informação.
- Nesta perspetiva a afinidade admitida tem a ver com o facto de todas as referidas disciplinas se ocuparem de algo comum ou parecido: conteúdos manuscritos, dactiloscritos ou impressos gravados/inscritos num qualquer suporte (do papel ao eletrónico).

De que Ciência da Informação falamos?

- Mas tem a ver também com uma dimensão profissional muito forte: essas disciplinas surgiram de um conjunto de tarefas práticas configuradas no perfil de um profissional determinado – o arquivista, o bibliotecário, o museólogo, o documentalista, etc.
- Guardar, preservar, ordenar, descrever e colocar à consulta/fruição pública constituíram, na verdade, um denominador comum de todos esses profissionais.

De que Ciência da Informação falamos?

- Mas curiosamente e apesar das afinidades evidentes a perspectiva cumulativa e fragmentada afirma-se pela diferença, mesmo que seja sobretudo artificial e corporativa, pela prevalência do formal sobre o substancial e pela atribuição a cada uma dessas disciplinas um “paradigma” próprio ou distintivo que assegura a sua autonomia e “independência” eternas.

De que Ciência da Informação falamos?

- Não podemos dizer que esta perspectiva sendo vincada não se apresenta hoje homogénea, porque a sua sustentação epistemológica é cada vez mais frágil, no entanto ela persiste e mantém-se espalhada e presente numa larga maioria dos modelos formativos existentes pelo Mundo.

De que Ciência da Informação falamos?

- Na perspectiva evolutiva há essencialmente um exercício de superação:
- da interdisciplinaridade limitada e estática;
- do primado da profissionalização; e
- do equívoco documental – afinal o documento é isso e contém algo mais...
- Há necessariamente uma postura reflexiva e crítica que enfrenta, entre outros factores, a resistência/sobrevivência secular do corporativismo profissional.

De que Ciência da Informação falamos?

- A perspetiva evolutiva tem sido afirmada inequivocamente na Universidade do Porto e traduziu-se, desde 2001/02, na concretização de um projeto formativo – a Licenciatura em Ciência da Informação (continuada, a partir de 2008, no Mestrado em Ciência da Informação e, de certa maneira, no Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – que visou integrar os distintos profissionais formados até aí num profissional sintético e polivalente – o gestor da informação.
- Assume-se, assim, que há um dinamismo disciplinar que implica a passagem dos estádios de multi e interdisciplinaridade para o da transdisciplinaridade.

De que Ciência da Informação falamos?

- O aprofundamento analítico das perspectivas conduziu à formulação e proposta de dois paradigmas, acrescidos, mais recentemente, de um terceiro:
- Paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista;
- Paradigma político-ideológico e sócio-cultural;
- Paradigma pós-custodial, informacional e científico.

De que Ciência da Informação falamos?

- A identificação o mais rigorosa possível destes paradigmas permite compreender a categorização mais genérica em perspectivas ou tendências, convido esclarecer que estes três paradigmas constituem uma alternativa mais ampla à proposta de Rafael Capurro, formulada em 2003, e uma resposta ao oportuníssimo desafio lançado por este Autor.

De que Ciência da Informação falamos?

- Para percebermos de que CI estamos a falar é preciso visitar estes paradigmas através dos seus traços constitutivos.
- **Paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista** (aplica-se não apenas à Arquivística, mas também à Bibliologia/Biblioteconomia, à Museologia e à Documentação):

De que Ciência da Informação falamos?

- Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauro do suporte como função da atividade profissional de arquivistas e bibliotecários;
- Identificação do serviço/missão custodial e pública de Arquivo, de Biblioteca e de Museu com a preservação da cultura “erudita” ou “superior” (as artes, as letras e ciência) de um Povo em antinomia mais ou menos explícita com a cultura popular, “de massas” e os “produtos de entretenimento”;

De que Ciência da Informação falamos?

- Enfatização da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação e da cultura como reforço identitário do mesmo Estado, sob a égide de ideologias de pendor nacionalista;
- Importância crescente do acesso ao “conteúdo” através de instrumentos de pesquisa (guias, inventários e catálogos) dos documentos percebidos como objectos patrimonializados, permanecendo, porém, mais forte o valor patrimonial do documento que o imperativo informacional; e

De que Ciência da Informação falamos?

- Prevalência da divisão e assunção profissional decorrente da criação e desenvolvimento dos serviços/instituições Arquivo, Biblioteca, Museu e até Centro de Documentação, indutora de um arraigado e instintivo espírito corporativo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (permite a ideia equívoca de que a profissão de arquivista, de bibliotecário, de museólogo ou de documentalista gera, naturalmente, disciplinas científicas autónomas).

De que Ciência da Informação falamos?

- **Paradigma político-ideológico e sócio-cultural:**
- Substituição da égide científica da História, da Filologia e das Humanidades pela Sociologia e a Antropologia;
- Alteração no tipo de mediação praticada que deixa de ser passiva, custodial e elitista para se tornar ideológica e socio-cultural, interventiva com base na premissa neo-marxista de colocar a cultura ao serviço de uma sociedade emancipada do capital e sem classes;

De que Ciência da Informação falamos?

- Desvalorização da mediação técnica assente nos instrumentos de pesquisa e olhar crítico face às novas Tecnologias da Informação e Comunicação, usadas preferencialmente para a animação sócio-cultural; e
- Aposta prioritária na Biblioteca Pública e no Museu (sobretudo regional e local) e em estratégias de rede centradas tanto na Leitura Pública, como na Memória Coletiva, em detrimento do papel dos Arquivos (vistos lucidamente como “reservas logísticas” do(s) Poder(es) e dos Centros de Documentação Científica e Tecnológica.

De que Ciência da Informação falamos?

- **Paradigma pós-custodial, informacional e científico:**
- Valorização da informação enquanto fenómeno humano e social, sendo a materialização num suporte um epifenómeno (ou derivado informacional);
- Constatação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental, traduzindo-se aquele no trinómio criação-seleção natural-acesso/uso e o segundo na antinomia efémero-permanente;

De que Ciência da Informação falamos?

- Prioridade máxima concedida ao acesso à informação por todos mediante condições específicas e totalmente definidas e transparentes, pois só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação;
- Imperativo de indagar, compreender e explicitar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “assépticos” ou neutrais de criação, classificação, ordenação e recuperação;

De que Ciência da Informação falamos?

- Alteração do actual quadro teórico-funcional da atividade disciplinar e profissional por uma postura diferente sintonizada com o universo dinâmico das Ciências Sociais e empenhada na compreensão do social e do cultural, com óbvias implicações nos modelos formativos dos futuros profissionais da informação; e

De que Ciência da Informação falamos?

- Substituição da lógica instrumental, patente nas expressões “gestão de documentos” e “gestão da informação”, pela lógica científico-compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e, assim sendo, as práticas informacionais decorrem e articulam-se com as concepções e práticas de gestores e actores com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o cientista compreender o sentido de tais práticas e apresentar dentro de certos modelos teóricos as soluções (retro ou)prospectivas mais adequadas.

De que Ciência da Informação falamos?

- A resposta à pergunta que pauta este primeiro ponto é agora mais fácil e compreensível,
- Falamos da Ciência da Informação transdisciplinar, porque resulta, evolutivamente, de uma dinâmica de fusão das disciplinas técnico-profissionais surgidas com os “lugares de Memória” de finais de setecentos –o Arquivo, a Biblioteca e o Museu- e sempre interdisciplinar, porque a transversalidade de seu objecto impõe um relacionamento ativo com um naipe alargado de Ciências –desde as Sociais às Naturais e Tecnologias.

De que Ciência da Informação falamos?

- Assume-se, aqui, uma Ciência da Informação vinculada intrinsecamente ao terceiro paradigma – pós-custodial, informacional e científico.
- Uma Ciência da Informação que recupera a definição surgida durante as Conferências do *Georgia Institute of Technology*, de 1961-62, retocada por Harold Borko em artigo de 1968 e sintonizada com o esforço unitarista da “Ciência da Informação” desenhada por Yves-François Le Coadic, em 1994, descontando, porém, a sua deriva positivista.

De que Ciência da Informação falamos?

- Trata-se, pois, de uma **ciência social aplicada**:
- que **investiga** os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno informacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação).

De que Ciência da Informação falamos?

- A referência às propriedades é importante porque já nas definições norte-americanas da década de sessenta e no contributo epistemológico de Le Coadic destaca-se a CI como estudando propriedades da Informação sem deixar claro (exceção feita a Le Codica, embora sua leitura é instrumental e discutível) quais são essas propriedades.
- Silva e Ribeiro (2002) ligaram as propriedades ao fenómeno humano e social de produção de sinais e símbolos que codificam ideias e emocionais possibilitando sua partilha social, ou seja, sua comunicação:

De que Ciência da Informação falamos?

- *estruturação pela ação (humana e social)*-o acto individual e/ou colectivo funda e modela estruturalmente a informação;
- *Integração dinâmica* – o ato informacional está implicado ou resulta sempre tanto das condições e circunstâncias internas, como das externas do sujeito da ação;
- *pregância* –enunciação (máxima ou mínima) do sentido activo, ou seja, da acção fundadora e modeladora da informação;
- *quantificação* –a codificação linguística, numérica, figurativa é valorável ou mensurável quantitativamente;
- *reprodutividade* – a informação é reprodutível sem limites, possibilitando a subsequente retenção/memorização; e
- *transmissibilidade* – a (re)produção informacional é potencialmente transmissível e comunicável.

De que Ciência da Informação falamos?

- Pela definição apresentada e pelo elenco das propriedades dá para entender que o objecto de estudo é construído ligando informação a comunicação (conceitos complementares e articulados, mas distintos) e convertendo o binómio informação-comunicação em **processo** - o encadeamento dinâmico e infinitamente repetido de etapas (desde a criação até ao uso e transformação humana e social do sentido/informação).

De que Ciência da Informação falamos?

- Falamos ainda de uma Ciência da Informação que precisa de um Método que garanta a atividade de investigação propriamente dita – desde 1999 que Silva e Ribeiro se empenharam em adaptar a proposta metodológica dos belgas Paul De Bruyne, Jacques Herman e Marc De Schoutheete, publicada em 1974, para as Ciências Sociais, convertendo-a no Método Quadripolar da Ciência da Informação – trata-se de um “salto qualitativo” que reforça a cientificidade no paradigma pós-custodial.

Definir Informação e construir o Objecto da CI

- É indesmentível a persistente dificuldade em definir informação. As definições tentadas e publicadas são às dezenas, sem que haja uma capaz de gerar amplo consenso.
- No paradigma custodial a formação dos profissionais parecia ter estabelecido em torno da noção “palpável” de documento (um suporte com signos e símbolos registados), mas as tecnologias de reprodução e de transferência de suporte vieram realçar a importante “autonomia” dos conteúdos, da “mensagem”, da informação...
- A problemática cada vez mais complexa da preservação do suporte no documento veio mostrar que aquele só podia ser estudado/tratado pelas Ciências Naturais + Engenharias e que a necessária organização documental, ou seja, do “conteúdo intelectual” registado no suporte era um exercício lógico e discursivo.

Definir Informação e construir o Objecto da CI

- Para quê definir Informação?
- Perante a dificuldade em definir ou caracterizar sem ambiguidades o que é a informação, foco de uma alegada nova Ciência, a estratégia quase hegemonicamente seguida tem sido a de evitar uma efetiva clarificação epistemológica do objeto de estudo científico.
- A alternativa à estratégia de “contornar” a questão do objecto é enfrentá-la e para isso torna-se imprescindível **DEFINIR O QUE SE ESTUDA:**

Definir Informação e construir o Objecto da CI

- **Informação** é o conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada.
- Esta definição sinaliza e limita o objeto de estudo da Ciência da Informação que perfilhamos.
- As suas implicações epistemológicas na atividade investigativa são totais.
- Mais ainda: esta definição interfere no clássico debate sobre até onde vai a noção de documento (animado por Suzanne Briet, discipula de Paul Otlet) e amplia-a consideravelmente.
- O objecto de estudo é claramente construído pela definição apresentada.
- As propriedades elencadas atrás só se entendem à luz da definição exposta e do objecto por ela construído.
- Não definir ou definir? Eis a questão...

Definir Informação e construir o Objecto da CI

- Antes de fecharmos este ponto vale a pena decompor a definição nos seus três módulos constitutivos que fundamentam as três áreas de estudo que é possível “delimitar” no campo específico da Ciência da Informação:
- 1º (humano, psicológico, cognitivo, emocional e permeável ao meio, à sociedade) *conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social;*

Definir Informação e construir o Objecto da CI

- 2º (passagem a documento, a externalização do sentido, a materialidade da mensagem...) *passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.); e*
- 3º (a potência comunicacional garantida pela propriedade da transmissibilidade, mas só efetivada pela efetiva partilha de sentido entre dois ou muitos interlocutores) *e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada.*

As três áreas nucleares da CI

- A Ciência da Informação de que falamos (ou que praticamos) investiga a info-comunicação como processo (encadeamento humano e social de etapas transversal a todos os sectores) desde a origem até ao uso e transformação (e retorno “ao princípio”...).
- A especificidade da Ciência da Informação face a todas as outras Ciências que também constroem objectos a partir do fenómeno info-comunicacional é abordá-la como **processo**.

As três áreas nucleares da CI

- O que significa afirmar que o objeto da CI é a **informação como processo**?
- Significa, antes de mais, que temos investigação “pura” e “aplicada”, desenvolvida dentro de três áreas naturais:
- *a produção informacional* - estudo das respectivas lógicas, práticas e contexto;
- *a organização e representação* – estudo e validação dos esquemas mediadores (mediação) de organizar e representar termos, expressões, conceitos para a recuperação de partes ou do todo informacional (metadados, metainformação); e
- *o comportamento informacional* – estudo das necessidades impulsionadoras da busca, encontrabilidade e uso/transformação da informação.
- Transversal a todas estas áreas emerge, no plano prático ou da atividade profissional, a gestão da informação.
- Neste plano concreto e quotidiano o cientista da informação converte-se num profissional essencial a todos os segmentos “do mercado” – *O GESTOR DA INFORMAÇÃO*.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Isso é possível em Ciência da Informação?
- Sem termos claras as áreas de estudo atrás indicadas será, no mínimo, confuso e perigoso para não dizermos impossível...
- E sem a definição adotada (com seu 1º e profundo módulo) pareceria um exercício absurdo convocar contribuições especializadas sobre o Imaginário, os “Arquétipos” ou o Inconsciente Coletivo.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- O problema fica mais inteligível se associarmos o 1º módulo da definição com a área do comportamento informacional:
- O ser humano cria, expressa, acumula, busca e usa representações mentais e emocionais, o que o converte num produtor informacional, num mediador info-comunicacional e num usuário/interprete/transformador de informação, sobressaindo, aqui, a rica e complexa área de estudo do comportamento informacional.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Destaca-se esta área porque tem sido nela que desde há várias décadas vão-se multiplicando estudos que convocam análises mais finas e sofisticadas de recorte psicológico de modo serem compreendidas e explicadas motivações e necessidades que determinam ou condicionam determinadas práticas de busca e uso de informação, aquelas e não outras...

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- No entanto, importa reconhecer que ao definirmos a informação como “um conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas” não é só na área do comportamento informacional que a dimensão biopsíquica, psicossocial e comportamental intrínseca ao fenómeno informacional aparece e pode ser explorada – ela está presente na produção e na mediação (organização e representação).

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- E para explorar essas dimensões a Ciência da Informação recorre à sua natural vocação interdisciplinar, ou seja, alia-se às disciplinas com foco nessas matérias, partilha elementos substantivos e metodológicos e consegue construir, assim, um percurso efetivamente investigativo, científico tanto no campo mais próximo das Ciências da Comunicação e da Informação, como no mais abrangente das Ciências Sociais.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Recordemos as três modalidades de atividade científica explicadas com insuperável precisão por Olga Pombo:

Pluridisciplinaridade:

- Simples associação disciplinar;
- Partilha de objetivos comuns;
- Multiplicidade de métodos;
- Existência de fronteira disciplinar

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

Interdisciplinaridade:

- Linguagem parcialmente comum;
- Coesão entre saberes;
- Integração disciplinar;
- Partilha de objetivos comuns;
- Transferência de problemática, conceitos e métodos;
- Multiplicidade de métodos;
- Tênué fronteira disciplinar.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

Transdisciplinaridade:

- Linguagem, estrutura, fundamentos e mecanismos comuns;
- Coesão entre saberes;
- Integração disciplinar máxima;
- Partilha de objetivos comuns;
- Transferência de problemática, conceitos e métodos;
- Inexistência de fronteira disciplinar;
- Multiplicidade de métodos;
- Visão unitária e sistémica de um sector.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- É óbvio que o tema do imaginário, dos “arquétipos” e do inconsciente (tanto freudiano, como coletivo) não faz parte do objeto de estudo específico da Ciência da Informação – a Psicologia em geral, a Sociologia do Imaginário, a Psicanálise e, sobretudo, a Psicologia do Inconsciente de Carl Gustav Jung (veja-se a este propósito “Memórias, Sonhos, Reflexões” de 1971) chamam sua esta temática.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Diante desta evidência qual o posicionamento epistemológico da Ciência da Informação perante este assunto?
- Mas há ainda uma pergunta prévia a esta: como chega a Ciência da Informação a este tipo de temática?
- Chega este *topos*, explorando o seu objeto de estudo específico – a informação como processo.
- O caso da Tese de Doutorado de Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo, na Escola de Ciência da Informação, ilustra um percurso inovador: ao estudar os processos decisórios de gestores acaba percebendo que na raiz desses processos está o Imaginário, o Inconsciente e as figuras arquetipais

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- O caso citado merece atenção e exemplifica como deve operar a Ciência da Informação.
- Estudar a tomada de decisões, nomeadamente de Gestores de Empresas, implica encarar estes atores sociais como usuários de informação, ou seja, convoca-se claramente a área do comportamento informacional, havendo já alguns modelos criados no âmbito da pesquisa entretanto desenvolvida desde os anos 70 do séc. XX.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- A tendência verificada nos modelos existentes é a do aprofundamento e da captura das necessidades e dos condicionantes contextuais a fim de se estabelecer alguma causalidade explicativa de certas atitudes e práticas de busca e de uso informacionais.
- Ir mais fundo que isto é ousado e a CI “perde pé” sozinha. Que fazer?
- Tem de recorrer à pluri/multi ou a interdisciplinaridade

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- O mais fácil e exequível é a pluridisciplinaridade que consiste, na prática investigativa, em consultar trabalhos e resultados especializados sobre o tema exógeno à CI e estabelecer relações e abrir pistas.
- É a via mais usada, apesar do risco da superficialidade e de não instituir um efetivo diálogo entre disciplinas diferentes, que podem convergir...

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Para se atingir um diálogo entre disciplinas diferentes há que praticar seriamente a interdisciplinaridade.
- Por esta via pode a CI trazer, no caso citado, para a investigação teórico-prática sobre comportamento informacional em contextos de gestão achegas luminosas através, por exemplo, do uso de técnicas metodológicas de outras disciplinas e do auxílio de conceitos operatórios, integrando tanto a base conceitual, como os resultados no seu próprio quadro hermenêutico.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Vale a pena advertir que em nível de Teses de Doutorado pratica-se mais a pluri do que a interdisciplinaridade.
- No entanto, se queremos subir a parada e responder ao desafio interdisciplinar temos de constituir equipas dispostas na diversidade da sua composição a um trabalho cooperativo e de debate científico aberto.
- A criação de um “Núcleo de Pesquisa em Gestão de Informação e Imaginário” além de inovador pode-se constituir um espaço interdisciplinar fecundo e necessário.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- O “NGII” deve constituir-se em torno de 3 valências essenciais:
- investigação (“pura” e “aplicada”);
- extensão/divulgação (eventos, formação contínua e edições *on line* em português e inglês); e
- consultoria (ligando, assim, através da “prestação de serviços” a academia à comunidade envolvente).

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Na sua composição deve abrir-se à presença de membros/investigadores de outros países com disponibilidade para ajudar a desenvolver o projeto.
- Na valência da investigação o “NGII” deve articular-se intimamente com o PPGCI de maneira a apoiar a elaboração e a conclusão com êxito de Dissertações de Mestrado e de Teses de Doutoramento com incidência temática nos tópicos de estudo do Núcleo e trazendo assim para seu seio novos investigadores.
- Nesta valência deve desenhar e submeter projetos de pesquisa de recorte interdisciplinar a candidaturas (nacionais e internacionais) para financiamento.

Estudar o Imaginário, os “Arquétipos”, o Inconsciente...

- Na sua estrutura interna poderá fazer todo o sentido a existência de um Conselho Científico com personalidades nacionais e estrangeiras, de preferência vinculadas organicamente ao “NGII”, e vocacionado para examinar, avaliar e ajudar a traçar uma estratégia coerente para o Núcleo.
- As relações internacionais do Núcleo devem merecer especial atenção através de uma cuidada e empenhada celebração de convênios.

OBRIGADO